

OS BASTIDORES DE UMA PESQUISA DURANTE A PANDEMIA: uma trioetnografia com diálogos colaborativos

Maria Cristina Lima Paniago¹

Gustavo Moura²

Miriam Brum Arguelho³

Resumo

Este artigo surge a partir do interesse dos autores em entender os diálogos colaborativos estabelecidos nos bastidores de uma pesquisa guarda-chuva da qual fazem parte. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que envolve pesquisadores (PIBIC, professores universitários, e pós-graduandos) de três países - Brasil, Canadá e Inglaterra, com foco na cultura digital em comunidades educativas em programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*. A abordagem metodológica deste artigo parte de uma perspectiva trioetnográfica cujo estilo de escrita acadêmica é mais abstrato, personalizado e conversacional. A partir dos dados emergentes, exploramos 3 (três) momentos em particular: a criticidade, o neoliberalismo, e o COVID-19 na realidade docente e suas implicações no desenrolar desta pesquisa; o papel da competência linguística e da tradução na problematização do que consideramos como práticas democráticas e colaborativas; e a renegociação (intercultural) do desenvolvimento da pesquisa. Estes momentos são interpretados pelos autores a partir de suas vivências e experiências, justapostas neste artigo para refletir a complexidade de se produzir uma pesquisa sob esta perspectiva dialógica e colaborativa em um contexto de pandemia. Os diálogos neste artigo aprofundam discussões emergentes numa perspectiva crítico-reflexiva trazendo à tona percepções, olhares, sentimentos e implicações das inter-relações pessoais, afetivas, profissionais e acadêmico-científicas no contexto de desenvolvimento desta pesquisa. Entendemos, a partir dos dados produzidos, de maneira rigorosa mas inconclusa, que nossas perspectivas analíticas, carregadas por diversas concepções, contextos e histórias de vida, possuem aproximações e distanciamentos, enriquecendo este processo de investigação.

¹ Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado e Doutorado na Universidade Católica Dom Bosco. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8631-4961>. E-mail: cristina@ucdb.br.

² Doutor em Educação pela Universidade de Manitoba. Instrutor e pesquisador nas universidades de Manitoba, Brandon, e Calgary. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5714-9581>. E-mail: MouraG@brandonu.ca.

³ Professora doutora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e chefe da Secretaria de Inovação das Licenciaturas - SEILI/PROGRAD UFMS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4722-483X>. E-mail: miriambaa@hotmail.com.

Palavras-chave: Pesquisa Qualitativa; Bastidores; Trioetnografia; Metodologias Pós-Críticas; Diálogos Colaborativos.

THE BACKSTAGE OF A STUDY DURING THE PANDEMIC: a trioethnography about collaborative dialogues

Abstract

This paper arises from the authors' interest in understanding the creative dialogues established behind the scenes of a broader research study they are part of. This was a qualitative research involving researchers (PIBIC, university professors, and graduate students) from three countries - Brazil, Canada and England, who were focusing on digital culture in educational communities in *Stricto Sensu* Graduate programs. The methodological approach of this article starts from a trioethnographic perspective. This academic writing style is more abstract, personalized and conversational. From the emerging data, we explored 3 (three) moments in particular: criticality, neoliberalism, and COVID-19 in the teaching reality and its implications for the development of this research; the role of linguistic competence and translation in the problematization of what we consider to be democratic and collaborative practices; and the (intercultural) renegotiation of research development. These moments are interpreted by the authors from their practices and experiences which are juxtaposed in this article to reflect the complexity of doing research from this dialogic and collaborative perspective in a pandemic context. The dialogues in this article deepen emerging discussions from a critical-reflexive perspective, bringing to light perceptions, views, feelings and implications of personal, affective, professional and academic-scientific interrelationships in the context of the development of this research. We understand, from the data produced in a rigorous but inconclusive way, that our analytical perspectives are loaded by different conceptions, contexts and life stories, and have approximations and distances which enrich this investigation process.

Keywords: Qualitative Research; Backstage; Trioethnography; Post-Critical Methodologies; Collaborative Dialogues.

EL BACKSTAGE DE UN ESTUDIO DURANTE LA PANDEMIA: una triotnografía sobre diálogos colaborativos

Resumen

Este artículo surge del interés de los autores por comprender los diálogos creativos que se establecen tras bastidores de una investigación paraguas de la que forman parte. Esta es una investigación cualitativa que involucra a investigadores (PIBIC, profesores universitarios y estudiantes de posgrado) de tres países: Brasil, Canadá e Inglaterra, con enfoque en la cultura digital en las comunidades educativas en los programas de posgrado *Stricto Sensu*. El enfoque metodológico de este artículo parte de una perspectiva triotnográfica cuyo estilo académico de escritura es más abstracto, personalizado y conversacional. A partir de los datos emergentes, exploramos 3 (tres) momentos en particular: criticidad, neoliberalismo y COVID-19 en la realidad docente y sus implicaciones para el desarrollo de esta investigación; el papel de la competencia lingüística y la traducción en la problematización de lo que consideramos prácticas democráticas y colaborativas; y la renegociación (intercultural) del desarrollo de la investigación. Estos momentos son interpretados por los autores desde sus vivencias y vivencias, yuxtapuestas en este artículo para reflejar la complejidad de producir investigación desde esta perspectiva dialógica y colaborativa en un contexto de pandemia. Los diálogos de este artículo profundizan discusiones emergentes desde una perspectiva crítico-reflexiva, sacando a la luz percepciones, miradas, sentimientos e implicaciones de las interrelaciones personales, afectivas, profesionales y académico-científicas en el contexto del desarrollo de esta investigación. Entendemos, a partir de los datos producidos, de forma rigurosa pero incompleta, que nuestras perspectivas analíticas, cargadas por diferentes concepciones, contextos e historias de vida, tienen aproximaciones y distancias, enriqueciendo este proceso de investigación.

Palabras clave: Estudio Cualitativo; Backstage; Triotnografía; Metodologías Poscríticas; Diálogos Colaborativos.

INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte de uma pesquisa guarda-chuva que envolve pesquisadores de três países, Brasil, Canadá e Inglaterra, com foco na cultura digital em comunidades educativas em programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em três Universidades distintas. É uma pesquisa qualitativa que se utilizou de entrevistas narrativas para compreender a cultura digital das três comunidades educativas por meio de seus professores, alunos e gestores/funcionários. A pesquisa toda passou pelo comitê de ética e teve sua aprovação para o desenvolvimento do trabalho e é subsidiada pelo CNPq e pela FUNDECT/MS.

Neste texto, a partir do nosso interesse em entender os diálogos estabelecidos nos bastidores desta pesquisa, adotamos uma perspectiva trioetnográfica, que tem como base os princípios da pesquisa duoetnográfica (NORRIS; SAWYER, 2012; BREULT, 2016) inspirados em um estilo de escrita acadêmica mais abstrata, personalizada e conversacional.

Os diálogos entre os pesquisadores participantes da pesquisa ocorreram mensalmente, durante o ano de 2021, em encontros online por meio da ferramenta Google Meet, com atividades programadas previamente com pauta pré-definida e aprovada pelo grupo. Dentre as atividades realizadas, houve apresentação de dados da pesquisa, estudos de textos e artigos, planejamento sobre as atividades da pesquisa e apresentação e discussão de relatórios parciais das atividades do grupo.

O grupo de pesquisa é composto por oito pesquisadores doutores, um mestre e cinco estudantes de licenciatura, oriundos de três países diferentes. A dinâmica estabelecida nas reuniões, embora contasse com uma agenda e pauta pré-definidas, pressupunha participação democrática, colaborativa e auto-organizada, favorecendo uma abordagem aberta. As propostas de reunião seguiam a base da teoria do caos, que conta com características dinâmicas de auto-organização de sistemas complexos e abertos a partir de Henri Poincaré e Edward Lorenz (WOOD, 1993, p.97), e apresentam aspectos que privilegiam

desenhos e abordagens de trabalho pouco estruturadas e por isso, mais criativas.

Conforme define SILVA (2001, p.3) uma abordagem aberta em si mesma é também aberta na perspectiva da interculturalidade, “[...] tanto no que diz respeito a sua utilização por povos de diferentes culturas, em todos os continentes, quanto pela característica de estabelecer um diálogo entre culturas [...]”, num processo que estabelece trocas e sinergias capazes de produzir experiências enriquecedoras, construtivas e formativas.

Pensando neste contexto interculturalmente estabelecido pelos participantes desta pesquisa por suas posições geográficas, e considerando a pandemia do COVID-19 como determinante nestas relações virtuais, abordamos temas emergentes da análise dos autores acerca de suas posições na pesquisa. A trioetnografia é utilizada como metodologia na composição deste artigo devido suas características dialógicas, colaborativas, e sinuosas conforme explicado abaixo.

DUOETNOGRAFIA: DIÁLOGOS A TRÊS

A abordagem duoetnográfica (NORRIS; SAWYER, 2012) lida com o problema de pesquisa sob uma perspectiva diferenciada, para além de uma pesquisa solitária, sem fins de verdades definitivas e conclusivas, sendo possível ser escrita também por aqueles que a leem.

Ela é colaborativa no sentido de que dois ou mais pesquisadores justapõem suas histórias de vida para oferecer múltiplos entendimentos de um fenômeno social. Suas próprias biografias são os locais da pesquisa e da criação de narrativas dialógicas, oferecendo várias perspectivas dos fenômenos ao leitor, convidando-o a entrar na conversação também. O processo dialético de criação duoetnográfica é também desenhada para ser transformadora aos escritores.

Para Norris e Sawyer (2012, p. 17), “duoetnógrafos tornam explícito como pessoas diferentes experimentam o mesmo fenômeno de forma diferente”, possibilitando a ampliação de perspectivas antes não consideradas. Apesar da

pesquisa duoetnográfica ser autobiográfica, ela se diferencia já que o autoquestionamento é estendido ao outro (BREAULT, 2016). Tal potencialidade, faz com que nós, dois diferentes pesquisadores, experimentemos e transformemos os significados de um fenômeno similar ao longo do tempo, justapondo nossas vozes e experiências.

Com base na duoetnografia, este texto está distribuído entre falas de três pesquisadores participantes de uma pesquisa qualitativa, a partir dos bastidores no desenvolvimento desta, mais especificamente, dos encontros online realizados no Google Meet. Esta colaboração caracteriza o que chamamos de trioetnografia, e concordamos com Morgan, Martin e Maciel (2019) quando afirmam que esta:

[...] busca superar ou compensar as limitações e desafios de abordagens isoladas ao contemplar e justapor outras vozes e experiências relacionadas aos fenômenos [...] os pressupostos paradigmáticos que sustentam essa forma de investigação representam um olhar não-positivista ao contemplar olhares com orientação construtivista e pós-estrutural[...], isto é, menos preocupado em chegar a verdades singulares e objetivas (MORGAN; MARTIN; MACIEL, 2019, p. 10-11).

Pensando nisso, este artigo explora momentos que emergiram durante e após os diálogos do grupo de pesquisa. As reuniões foram gravadas, salvas e compartilhadas pelos membros do grupo para futuro acesso às informações e este acervo possibilitou a emergência, a análise e discussão de outros dados aqui apresentados. A partir destes dados emergente, exploramos 3 (três) momentos em particular: a criticidade, o neoliberalismo, e o COVID-19 na realidade docente e suas implicações no desenrolar desta pesquisa; o papel da competência linguística e da tradução na problematização do que consideramos como práticas democráticas e colaborativas; e a renegociação (intercultural) do desenvolvimento da pesquisa. Estes momentos são interpretados pelos autores a partir de suas vivências e experiências, tratados neste artigo para refletir a complexidade de se produzir uma pesquisa sob esta perspectiva dialógica e colaborativa em um contexto de pandemia.

As posições e vivências dos pesquisadores são destacadas no texto com a identificação dos mesmos (em **negrito**) no início do parágrafo, a abordagem das experiências de cada um desenvolvidas e mostradas em *itálico*, e a inserção de teorias que informam a análise destes diferentes momentos. As falas de cada pesquisador subsidiam discussões importantes no campo educacional, e abordam questões (inter)culturais, críticas, e de linguagem que possibilitam a ressignificação do fazer pesquisa envolvendo colaboradores provenientes de contextos internacionais. Os momentos apresentados aqui exemplificam complexidades nas trocas de informação, tomadas de decisões, colaboração e diálogos destes pesquisadores.

MOMENTO 1: CRITICIDADE, NEOLIBERALISMO, E COVID-19 NA PESQUISA

Podemos iniciar este momento com a mesma indagação de Gert Biesta: “[...] chegou a hora de desistir da escola moderna, e das suas promessas, entregando-a nas mãos da Pearson, da Google e de outros capitalistas educacionais, ou devemos tentar uma vez mais e, nesse caso, o que devemos fazer?” (2019, p. 657). Esta fala nos posiciona como pesquisadores pois questionamos como enfrentar tempos pandêmicos e pós-pandêmicos com fortes perspectivas políticas neoliberalistas no contexto educacional. A partir da leitura e discussão de um artigo que critica o “desastre capitalista” na educação (MOORE et al, 2021) e as implicações deste no ensino online, os pesquisadores se veem balanceando diferentes perspectivas e se questionando sobre a oportunização ou precarização do ensino que aderem às tecnologias de informação e comunicação.

Cristina: *Quando eu comecei a ler o texto de Moore et al (2021) para o encontro da pesquisa, o título já chama muita atenção [Disaster capitalism, rampant EdTech opportunism, and the advancement of online learning in the era of COVID19], foi uma briga minha com o texto. É muito próximo do que a gente está vivendo. É um texto bastante crítico e duro, duro da gente enxergar que realmente é isto que acontece. Por fim, falei, será que vai ter só a crítica? Mas,*

ai vem um alívio no final, de alguma luz, né, neste fim de túnel, que a gente tem que achar alguma brecha, alguma fissura para gente poder ter uma certa esperança, né? Então eu fui sublinhando algumas coisas que me chamaram a atenção. Por exemplo, isto aqui, o remendado sob coação, essa coisa do ensino híbrido ou essa coisa da inserção das próprias tecnologias, que realmente foi algo, ao início, uma coação sanitária, mas aproveitada por uma perspectiva capitalista, neoliberal, e é bem isto mesmo. Todo mundo sofreu esta pressão. Então, (os autores do texto) vão trazendo tudo que esta pandemia trouxe, aqui por exemplo, o corte dos serviços sociais, esse convite à privatização, essa vulnerabilidade, então a intensidade desses interesses neoliberais na educação. E uma coisa que chamou atenção é que esses interesses, o texto aponta, que eles não são, apesar de eles serem uma condição do momento, eles estão com a intenção de perpetuar. Então, iniciou-se esse movimento, aí entra a precarização, a intensificação docente, mas aproveitando essa brecha da pandemia para que essas práticas essas políticas permaneçam, sempre no sentido do lucro, da substituição tecnológica, e a gente está vivendo isto, né? Este contexto neoliberal, aí os autores trazem, o encorajamento ao individualismo, sempre centrado no indivíduo, você que tem que se virar para dar conta de tudo isto, você que tem que se virar para ter a tecnologia, você que tem que se virar para ganhar mais, então pegue mais aulas, tirando toda a responsabilidade do governo, né, responsabilidade pública. E aí, os autores vão trazendo isso tudo, fala dessa marketização, que a gente usa hoje, a questão da uberização, educação uberizada? Da competição, porque aumenta a competição. Do desencorajamento ético. Então, vai trazendo tudo isto. Neste sentido é que eu fui brigando com o texto porque são muitas coisas que mexem muito com a gente. Mas, por fim, daí, vem assim alguma brecha, alguma luz da possibilidade dessas brechas que talvez se a gente tiver uma perspectiva mais colaborativa, uma perspectiva de um ensino não como commodity, como um bem, talvez a gente consiga lutar contra isso (trecho de uma das gravações).

Gustavo: *Dentro da minha perspectiva sobre o que criticidade e neoliberalismo significam, existe uma tendência de acentuar mais as falhas sistêmicas e*

estruturais do que celebrar as possibilidades. Confesso que meu trabalho pessoal e influências acadêmicas me moldaram de uma maneira a enxergar que ainda falta muito para chegarmos a um patamar mais justo, a partir de uma perspectiva social e cultural. As teorias críticas têm visado uma visão anticapitalista (MOORE et al, 2021) que sugere que o sistema educacional, por exemplo, tem se preocupado mais com seus lucros monetários do que o ensino e desenvolvimento de cidadania crítica e global. O neoliberalismo, com sua agenda 'progressista e inovadora', tem papel importante no estabelecimento de padrões hierárquicos e de poder, visto que tecnologias de informação e comunicação são enfatizadas na promoção de um ensino mais objetivo e técnico (CARLOTTO, 2019; GOMES, 2018; SAVAZONI; SILVEIRA, 2018). Dentro desta pesquisa, muitos dos aspectos que potencializam as minhas experiências de pesquisador são também as que me mostram que a educação tem sido vendida como inovadora por conta de ferramentas tecnológicas 'avançadas'. Estas, com certeza engajam pesquisadores, professores, e estudantes diferentemente, com acesso mais rápido a informações que redefinem nossas noções de tempo e espaço. Porém, falar de inovação, especialmente em tempos de pandemia, exige que conversemos sobre quem tem acesso a isso tudo.

A inovação pode ser excessivamente enfatizada, principalmente quando estamos lidando com tecnologias digitais e cultura digital. Entre a diversidade de conceitos e interpretações, compreendemos as limitações a que estamos sujeitos ao tentar compreendê-lo. No entanto, nossa tentativa é ampliar definições que incluem apenas elementos como infraestrutura e novos equipamentos quando falamos em inovação. Com base em Mill e Pimentel (2020), conceituamos inovação como algo que traz mudança, crescimento e reforma. E como Cardoso (1993) afirmou, vemos que a inovação não é apenas uma mudança regular.

A mudança que destacamos neste trabalho é algo intencional e deliberadamente escolhido (Cardoso, 2020; Mill & Pimentel, 2020). Ou seja, tal inovação não é resultado de uma evolução progressiva natural ou linear. Nosso conceito de inovação representa um crescimento repleto de rupturas que podem ser tanto parciais quanto temporárias. A inovação desafia as dinâmicas de poder

instituídas e, portanto, o crescimento torna-se um ato de resiliência e resistência.

Conforme Nóvoa (2022, p. 87) aponta, estamos vivendo um tempo difícil: "Por um lado, há um ataque, em muitos países, às instituições universitárias de formação de professores, acusadas de mediocridade e de irrelevância. Políticas conservadoras e neoliberais procuram regressar a um tempo anterior às escolas normais, quando não havia modelos institucionalizados de formação [...]". O autor continua: "Por outro lado, há um imobilismo das instituições universitárias e das comunidades acadêmicas, envolvida em disputas internas de poder e, sobretudo, na proteção das suas carreiras, pautadas cada vez mais pelo ritmo dos artigos científicos e cada vez menos pelo compromisso com a formação docente". Sua preocupação evidencia a falta de um lugar nas universidades voltado para a formação docente sob a perspectiva de um trabalho em conjunto, comprometido com a escola pública, com a pesquisa e com a ação pública em educação.

Miriam: Eu tenho certa dificuldade em discutir os temas ligados à tríade neoliberalismo, COVID-19 e exercício docente. Se por um lado reconheço as forças que operam na relação entre mercado, capital e educação, grandemente impactada pela pandemia por COVID-19 por outro, não posso desconsiderar aspectos como escolhas, preferências e desconhecimento, ou falta de formação de professores e alunos, sobretudo no que se refere ao uso de tecnologias digitais livres e gratuitas na educação. Com as empresas fornecedoras de tecnologia, internet e formação adentrando escolas, computadores e lares de professores e alunos é crescente a resistência e desinteresse dos profissionais da educação em utilizar software livre e aberto. Quanto a esse fato não há argumento o neoliberalismo opera nas pessoas o poder de sedução em consumir o que é novo e mais fácil, de uso intuitivo e esteticamente mais bem resolvido. E o mercado está pronto a apresentar um leque de variedade de opções e de preços. Mas não podemos alegar que não temos alternativas, considerando as opções de aplicativos e softwares de acesso gratuitos, como é o caso do Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle utilizado há algum tempo nas

universidades na modalidade de educação a distância. Contudo a opção de grande parte das universidades e escolas no Brasil em tempos de pandemia foi das ferramentas Google Educacional. Não pretendo estabelecer dicotomia entre um motivo e outro quanto ao desconforto dos professores no uso de tecnologias no período de pandemia, mas entendo como necessário considerar a desestabilização caótica do “status quo” do fazer docente e o tensionamento gerado pela necessidade de outros modos de fazer considerando o distanciamento social. Nesse sentido podemos aproximar a realidade vivenciada na docência em período de pandemia a partir de Wood (1993) que define sistemas caóticos como aqueles que apresentam irregularidades e extrema sensibilidade às condições iniciais. O fazer docente antes conhecido foi desintegrado da lógica da presencialidade e condicionado a ser operado na lógica da distância, com artefatos tecnológicos digitais, para muitos, desconhecidos. O sistema de Ensino Remoto Emergencial se instaurou com novos e antigos elementos didáticos, analógicos e digitais, os quais fomos tentando compor em novas formas para dar sentido ao ensinar na cultura digital durante a pandemia. Optar por tecnologias digitais gratuitas e livres requer tempo e conhecimento, a tendência da maioria foi optar por aquelas mais presentes na mídia, àquelas que as grandes corporações oferecem, as vezes com uso livre por algum tempo, condicionando o pagamento para a continuação do uso. Mais do que uma crítica ao sistema, aqui neste exercício, eu opto por fazer uma autocrítica sobre as práticas de formação inicial e continuada de professores em relação a inserção e uso de tecnologias na educação. Nossas aulas, pesquisas e produção intelectual registram a utilização em larga escala das ferramentas Google Educacional no período da pandemia. Também foi necessário tempo e estudo para apropriação dessas ferramentas, assim como seria necessário tempo e estudo para apropriação de ferramentas livres, gratuitas e de código aberto. Minha provocação para refletirmos juntos assenta na questão que me parece central aqui de porque nossas escolhas recaíram sobre ferramentas de grandes corporações capitalistas de grande valor no mercado, ao invés de optarmos por ferramentas livres e gratuitas? Sem a pretensão de responder ao questionamento colocado, trago Nóvoa (2022, p. 27) para pensar um devir

iminente de uma escola flexível que considere e reforce as dimensões públicas, gratuita e comuns da educação.

MOMENTO 2: COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA E ‘TRANSLATION’ - PROBLEMATIZANDO A PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA E COLABORATIVA NA PESQUISA

Gustavo: Dentro da perspectiva intercultural que esta pesquisa proporciona, uma característica enriquecedora diz respeito à interlocução de pesquisadores vindos de contextos histórico-socioculturais diferentes. Apesar da maioria dos pesquisadores terem origem brasileira (13/14) e falarem português como primeira língua, uma boa parte do grupo possui algum conhecimento em língua inglesa e uma pesquisadora cuja residência é o Reino Unido não fala a língua portuguesa. O aspecto linguístico é importante quando se fala dos bastidores desta pesquisa, pois a opção de qual língua - geralmente o português - utilizar nos encontros impacta o que se define por participação democrática e colaborativa.

Definindo o conceito de competência linguística, Consolo (2018) discute que o termo competência considera diferentes aspectos tais como: comunicação, discurso, metalinguagem, sociolinguística, pragmatismo, e estratégias do lugar de fala. Consideramos que competência linguística está além do saber a língua como um código (ouvir, falar, escrever e ler). Esta necessita de contexto para que a língua seja utilizada de forma a posicionar os interlocutores em práticas sociais e culturais situadas, pois entender o que se fala e responder ao que se é entendido requer estratégias comunicativas e sociais que vão além do código (negociar, compartilhar experiências, etc.).

Como participação democrática e colaborativa, num contexto de pesquisa durante a pandemia, entende-se que o uso das tecnologias pode contribuir para uma conscientização cultural, flexibilidade e expansão da visão de mundo de um indivíduo. Logo, empatia e conexão, então, resultam não somente no se colocar na posição do outro (FRAGA; DECARLI; BOLL, 2021; SAN ROMÁN; JAIME; TEIXEIRA, 2021; RODRÍGUEZ-SALTOS; MOYA-MARTINEZ; ROGRÍGUEZ-GÁMEZ, 2020), mas também na conexão mais ampla entre resultados de uma pesquisa e membros

de uma comunidade. No entanto, na democracia digital (REICHER, 2020), onde todos podem exercer suas próprias vozes e agência, ainda se encontram privilégios e abusos de poder (GOMES, 2018; SAVAZONI; SILVEIRA, 2018; CARLOTTO, 2019).

Gustavo: Baseado nas interpretações acerca da competência linguística e participação democrática e colaborativa acima, entendo esta problematização sob duas perspectivas: até que ponto o papel de uma tradução durante a reunião possibilita e/ou limita a participação de diferentes membros do grupo de pesquisa nas decisões e ações do projeto; e o quanto a participação dos membros é limitada quando estes não se sentem confortáveis o suficiente ou não possuem a proficiência necessária para se expressarem e de fato contribuírem nas decisões do grupo. Um aspecto é entender que leituras de textos e aportes teóricos são construídos com o tempo, e com a opção de sempre poder voltar aos materiais. Mas seguir com os próximos passos da pesquisa exige maior autonomia, desempenho, e tomadas de decisões mais rápidas, o que pode ser visto com procedimentos não tão democráticos e colaborativos quanto inicialmente definidos.

Dentro da pesquisa, por exemplo, a minha posição de brasileiro com uma graduação na área de estudos de linguagens, e que reside em um país onde a língua inglesa é dominante, me tornou a principal fonte de tradução tanto do português para o inglês quanto vice-versa. O papel do tradutor é certificar-se que o discurso não seja meramente traduzido e reproduzido (OLIVEIRA, 2017). Mais do que isto, a tradução leva em consideração conhecimentos linguísticos e culturais para que, de uma língua para outra, haja um reajuste de significados onde a tradução não perde o sentido da ideia original daquilo que tenha sido falado/escrito.

Desta forma, meu papel resumido a tradutor me impede de engajar meus próprios pensamentos e interpretações sobre os diferentes textos lidos e processos da pesquisa, pois minha preocupação está no fato de desenvolver minhas habilidades para que o sentido das discussões não se perca na linguisticamente limitada conversação. A limitação a que me refiro se encaixa

no segundo ponto de análise quando percebo que os membros do grupo de pesquisa se recuam e restringem suas participações em determinadas discussões. As pautas das reuniões permitem que todos os integrantes participem de alguma forma. Por exemplo, quando precisamos compartilhar nossas distintas tarefas, todos têm a possibilidade de apresentar seus pontos de vista, pois estes têm tempo para se preparem.

Porém, quando os assuntos são mais emergentes e precisam de um posicionamento momentâneo, a comunicação se restringe aos que ou falam a língua portuguesa ou aos que possuem proficiência da língua inglesa. De uma forma ou outra, a colaboração e democracia na participação de certos membros fica limitada e possivelmente marginalizada.

Autor 1: *Talvez a gente possa ter algum problema linguístico (referindo-se aos encontros de pesquisa entre os membros das universidades do Brasil, Canadá e Inglaterra). Por exemplo, hoje a professora X não está aqui (Professora na Inglaterra, mas italiana). A professora X fala que entende um pouco o português, talvez por causa do Italiano. Mas, não sei se ela tem esta fluência e alguns de nós aqui também não têm a fluência em inglês, mas a gente vai se virar. Vamos, por exemplo, se alguém falar inglês aqui, a gente vai traduzindo no chat, tentar usar o recurso que a gente conseguir. Ou, slide, se eu vou falar em inglês, pensa no slide em português. Vamos achando as brechas para tentar superar esta problemática.*

Entendemos que a perspectiva da colaboração nos ajuda a avançar no desenvolvimento de diferentes conhecimentos, somada à reflexão. De acordo com Nóvoa (2022, p. 46), [...] é necessário que nos tornemos conscientes daquilo que sabemos e que sejamos capazes de um trabalho de sistematização, de escrita e de partilha. Para isso, a colaboração é imprescindível. Encontra-se aqui a chave da nova profissionalidade docente.

Cristina: *Muito bom a gente ouvir esse seu comentário (parece que todo mundo leu Paulo Freire), a respeito do nosso diálogo, se isso transparece na nossa linguagem, na maneira como a gente lida com os outros. Eu acho que é a melhor*

coisa que a gente pode ter como um feedback. A gente quer fazer esta diferença... com os nossos alunos, com os nossos pares. Não adianta a gente trazer isto só para pesquisa, no papel. A gente tem que vivenciar isto. Então, cada vez mais a gente está tentando incorporar Freire nas nossas vidas, nas nossas práticas e principalmente, aqui no Brasil, como isso está difícil.

Miriam: *A ideia de participar de uma pesquisa que envolve pesquisadores e professores de países com diferenças culturais e linguísticas plurais me pareceu sedutora e assustadora ao mesmo tempo. Nosso grupo de pesquisa sempre teve esse viés de diversidade, colaboração, inclusão com tônica nas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) e com a aprovação dos projetos e início dos trabalhos na pesquisa, aquilo que parecia assustador num primeiro momento, passou a ser interessante e inquietante com o passar do tempo. O uso da língua inglesa nos encontros tornou-se realidade e as estratégias para lidar com essa necessidade envolveram desde traduções por um colega, no chat, nos encontros síncronos, até elaboração de slides em português e inglês para as apresentações. Da minha parte, envolveram também, tentativas de comunicar em inglês. Não me considero fluente em língua inglesa, mas consigo me comunicar razoavelmente. Porém, ali naquelas reuniões eu me sentia intimidada e meu inglês se tornava sofrível. Tanto que muitas vezes comecei a falar em inglês e terminei a fala em português, tal era o meu desconforto, muito mais motivado por uma autocobrança por uma fala fluente do que qualquer manifestação dos colegas. Me ocorre que uma suposta hierarquia colonial implícita nas relações predominou nas dinâmicas estabelecidas. Estávamos em maior número de brasileiros presentes nos encontros, mas havia sempre um movimento de tradução do português para o inglês. Observou-se uma única vez o movimento da professora X em utilizar a língua portuguesa ou espanhola para se comunicar.*

Para pensar essas questões recorreremos à Derridá (1991), filósofo da diferença que discute o lugar da diferença na linguagem. O autor apresenta um olhar para a diferença que enxerga para além dos binarismos, da oposição, ou dissemelhanças, pondo em causa o caráter fixo e imutável da linguagem em

contraposição a um movimento de criação e recriação de diferenças plurais e incessantes. Essa possibilidade de entender a linguagem como algo que se adapta à uma realidade ou contexto, conforme pontua o autor “um devir infundável” (DERRIDA, 1991, p. 43), poderia, em certa medida, minimizar o desconforto nas interações em língua estrangeira.

Miriam: Mesmo concordando com a possibilidade de adaptação da linguagem ao contexto, proposta por Derridá (1991), eu continuei com dificuldade de me expressar em inglês, acabando por desistir ao fim dos primeiros encontros. Para tentar compreender teoricamente esse sentimento, recorro a um outro autor, Stuart Hall (2014), que discute o conceito de identidade ou identidades. Para Hall há três concepções de identidade que se estabeleceram no decorrer da história moderna, o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Vou me debruçar aqui sobre essa última que trata do sujeito pós-moderno por ser essa a concepção de identidade com a qual me identifico. Aqui o conceito de identidade deixa de ser unificado e estável para dar lugar à ideia de que o sujeito pode se compor de várias identidades provisórias, contraditórias, não fixas. O autor defende que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2014, p. 11-12). Assim, minha identidade de sujeito comunicante em português e em inglês, foi deslocada e perdeu força nas vezes em que precisei me comunicar em língua estrangeira. Mas o que estaria atuando na base dessas situações de constrangimento e certo autosilenciamento que me impedia de me comunicar em língua estrangeira?

Para pensar essas questões, buscamos em Bhabha (2013) elementos que nos ajudam a pensar as questões relacionadas à subalternidade e colonialidade. Embora pese a proporção de pessoas falantes da língua portuguesa ser maior do que a de falantes da língua inglesa no grupo, evidenciou-se um esforço de tradução do português para o inglês, entretanto o contrário não se verificou. Esse aspecto nas relações estabelecidas no grupo pode desencadear algumas resistências. Para Bhabha (2013), as trocas culturais que negam as desigualdades

nas relações de poder a partir das questões da colonialidade eurocêntrica, são ressignificadas como estratégias de resistência do sujeito pós-colonial, criando o que o autor chama de hibridismo. Nessa perspectiva as relações de poder são subvertidas pelo sujeito subalternizado em busca de alteridade. Assim podemos dizer que o colonizado coloca em causa a relação de poder do colonizador, desestabilizando-o, por vezes na expectativa de que emergja uma relação de alteridade.

Miriam: Nesse sentido podemos considerar os três pontos analisados aqui, diferenças na linguagem, identidade pós-colonial e relações de poder da colonialidade em contraposição à alteridade, como tensionadores da minha capacidade de comunicar em língua inglesa nos encontros da pesquisa. Respondendo à pergunta feita no tópico anterior: Mas o que estaria atuando na base dessas situações de constrangimento e certo autosilenciamento que me impedia de me comunicar em língua estrangeira? A resistência a ideia de relações implícitas de poder hierarquizado nas dinâmicas eurocêntrico-coloniais em busca de alteridade, ou seja, o desejo, em certa medida inconsciente, de que os esforços por comunicar na língua do outro fosse recíproco.

MOMENTO 3: (RE)NEGOCIANDO O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Acreditamos no reinventar segundo Candau (2000, p.10) em que há "[...] necessidade de ter presente as novas subjetividades, [...] assumir distintas formas de construir conhecimentos e exercer a cidadania, [...] dinamizar os processos de ensino e de aprendizagem que permitam dar respostas aos desafios da contemporaneidade". Neste sentido, concebemos a (re)negociação do desenvolvimento da pesquisa como necessária quando acreditamos em pensamentos sistêmicos e complexos, distantes de uma perspectiva homogeneizadora, monocultural e estática.

Cristina: Sobre as mudanças no curso da pesquisa por causa da pandemia, bom, tal indivíduo está questionando para onde é que a gente vai com a pesquisa

diante de tantas mudanças. Eu acho que isso até é uma riqueza, não vejo como problema. Até para a gente poder ouvir esses professores. Então, o que eu acho é que sim, a gente deve continuar conversando com esses professores até para poder entender como é que é esse sentimento deles em relação a essa prática, essa loucura, uma hora uma coisa, outra hora é outra. Então, como que a gente avança ou retrocede... eu acho que a gente vai encontrar muita coisa interessante aí (apesar de tristes, são fenômenos sociais).

Neste sentido, justificamos o nosso interesse pela pesquisa qualitativa que, segundo González Rey (2005), “A Epistemologia Qualitativa defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta” (p. 05). Quando o autor afirma o caráter construtivo interpretativo do conhecimento, ele deseja enfatizar que “o conhecimento é uma construção, uma produção humana, e não algo que está pronto para conhecer uma realidade ordenada de acordo com categorias universais do conhecimento” (p. 06). A única tranquilidade que o pesquisador pode ter, sugerida por González Rey, diz respeito às construções que podem ser (re)construídas e (re)articuladas, possibilitando um aumento da sensibilidade do modelo teórico em desenvolvimento.

Gustavo: *A pandemia do COVID-19 ampliou aspectos que já estavam presentes nas discussões acadêmicas (por exemplo, pedagogia online, cultura digital e inovação), mas também trouxe atenção a recursos que geralmente são negligenciados. Eles incluem a) colaboração de pesquisa intercultural, b) dinâmicas de poder e reencenação de estruturas sociais na cultura digital, c) a imposição e as implicações das tecnologias digitais na pedagogia, e d) o desdobramento da inovação no contexto da cultura digital. Essas considerações orientarão os programas de ensino superior ao repensar que os membros da universidade se beneficiarão de um ambiente tecnológico bem estruturado, mas que não pode ser dissociado de seu ser sociocultural.*

Em relação a colaboração entre autores de diferentes países, isto é um exemplo de como as universidades de todo o mundo podem fortalecer as relações para avaliar questões educacionais locais e globais. A internacionalização do conhecimento por meio de colaborações de pesquisa entre acadêmicos aumentou consideravelmente (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020; MORIN, 2015), mesmo durante a pandemia de COVID-19. Embora seja esperado que esses acadêmicos visitem diferentes localidades pessoalmente, as restrições nas viagens os levaram a pensar fora da caixa para se familiarizar com seus contextos de pesquisa.

Nossa pesquisa e colaboração vão ao encontro do conceito de protagonista, tanto dos participantes quanto nosso de pesquisadores, pois este estudo

[...] enfatiza a construção e socialização do conhecimento, a operacionalização dos princípios e propósitos da educação. Assim, qualquer pessoa, independentemente do tempo e do espaço, pode tornar-se agente da sua aprendizagem utilizando materiais e meios de comunicação diferenciados. Isso permite interatividade e trabalho colaborativo tanto síncrono quanto assíncrono (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 14).

O intercâmbio intercultural online entre pesquisadores que falam de diferentes países é definido por desafios na comunicação, conceituações, e contextualização de perspectivas, bem como por diferentes fusos horários para reuniões, habilidades linguísticas e questões técnicas. Porém, por outro lado, a riqueza está nos significados plurais, nas diversas origens culturais e na singularidade que cada indivíduo carrega consigo. Portanto, fomentar mais encontros com o outro significa considerar possibilidades, valorizar sistemas diferentes e trabalhar para a aceitação do desconhecido (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020; MORIN, 2015).

Seguindo a postura de Morin (2015) sobre o pensamento complexo, “[...] encontramos a possibilidade de reconectar e ao mesmo tempo reconectar o ser humano da natureza e do cosmos. Podemos restabelecer o diálogo entre duas culturas, a científica e a humanística. Podemos nos situar no universo, onde o local e o global estão conectados” (p. 119). Estar imerso em relações

interculturais não deve ser considerado uma ferramenta para encontrar semelhanças, mas sim uma ferramenta para desmistificar a aversão às diferenças e promover percepções mais plurais.

Miriam: Nossa pesquisa desenhou-se a partir dos planos de trabalho propostos nos editais CONFAP e FUNDECT e se reinventou nas dinâmicas impostas pelo distanciamento social em razão da pandemia por COVID-19. Nesse cenário a possibilidade viável foi realizar encontros com uso de ferramentas tecnológicas de interação síncronas e assíncronas. A partir desse cenário negociamos várias estratégias, de encontros, de agendas e calendários, de traduções e mediações, de metodologias e métodos inclusive de estabelecer a interculturalidade como fio condutor das produções desenvolvidas na pesquisa. Não negociamos, porém, a construção de uma interculturalidade outra, própria do grupo, considerando nosso momento histórico e as transformações sociopolíticas às quais fomos e somos confrontados. Assim, nosso movimento nas produções a partir dos achados da pesquisa vão no sentido de aproximar nossa escrita a um dado conceito de interculturalidade. Contudo, a meu ver, nossa pesquisa se constitui em meio à emersão de uma interculturalidade própria que reluz, se materializa e consolida na construção de saberes gerados nas relações e mediações estabelecidas, nas práticas realizadas por cada integrante nos momentos de produção dos achados da pesquisa, no tratamento e análise desses achados e nos diálogos com as teorias e com os pares participantes da pesquisa.

De acordo com Walsh (2019),

[...] mais que a simples ideia de inter-relação (ou comunicação, como geralmente se entende no Canadá, Europa e Estados Unidos), a interculturalidade aponta e representa processos de construção de um conhecimento outro, de uma prática política outra, de um poder social (e estatal) outro e de uma sociedade outra; uma outra forma de pensamento relacionada com e contra a modernidade/colonialidade, e um paradigma outro, que é pensado por meio da práxis política. (WALSH, 2019, p.10).

Desta feita, estamos em processo de ser pesquisadores interculturais, com nossos limites de comunicar e interagir, com nossos saltos quantitativos e principalmente qualitativos nos achados e nas produções a partir desses achados, nas negociações, na prática da alteridade e da empatia e sobretudo no movimento de cada um para ampliar o diálogo “graças à e a partir das” nossas diferenças.

ALGUMAS RETICÊNCIAS...

Gustavo: Os desafios impostos pela pandemia do COVID-19 na educação refletem muitas das discussões em pesquisas acerca do uso de tecnologias e práticas digitais em sala de aula. Apesar de estudos mostrarem as oportunidades e desafios das tecnologias e cultura digital na educação (REICHER, 2020; PLETSCH; OLIVEIRA; COLACIQUE, 2020), a transição para o ensino remoto, principalmente, demonstrou surpresa e despreparo por parte das instituições e pesquisadores também. Com muitas escolas e instituições superiores aderindo ao ensino remoto emergencial, híbrido, e/ou online, precisamos nos atentar sobre potencialidades, democracia e as hierarquias de poder por meio da cultura digital (GOMES, 2018; SAVAZONI; SILVEIRA, 2018; CARLOTTO, 2019), mais enfatizadas durante o último ano em contexto de uso de tecnologias e práticas digitais. Sabe-se que o acesso às tecnologias é apenas um dos muitos pontos a serem constantemente analisados, visando equidade e igualdade, além da distribuição de aparelhos e redes de internet.

Principalmente no ensino superior, quando se trata de pesquisas qualitativas, muitos dados são compartilhados mais criativamente, porém pesquisadores e autores das análises acabam necessitando revisar políticas e processos. Neste caso, por exemplo, balancear processos de três países diferentes sugere que pesquisas são situadas e suas limitações locais não facilitam trocas interculturais (por exemplo, processos de comitês de ética completamente diferentes de um país para o outro). A flexibilidade - ubiquidade - oportunizada pelas tecnologias por meio de práticas digitais, ao mesmo tempo

que exerce um papel positivo na rotina de muitos pesquisadores (ALMEIDA, 2021), também traz provocações e ressignificações para pesquisas que precisam renegociar valores e atitudes para a promoção de novos conhecimentos.

Miriam: O exercício de fazer estes escritos me lembrou a escrita da tese em 2018, um momento de grandes e profundas reflexões e diálogos com os autores e atores da pesquisa. Aqui neste texto, somos também autores e atores, na medida em que refletimos sobre nossas ações na e sobre a pesquisa em questão. Os relatos trazidos, as reflexões sobre situações/experiências/histórias da nossa pesquisa se tornam também em um exercício de (re)significação de experiências, de identidades e subjetividades. Pensar o processo de pesquisa na perspectiva dessa interculturalidade nossa que envolve (re)negociações e traduções no contexto da pandemia por COVID-19, potencializa formas criativas e inventivas de pensar e pesquisar a partir de expressões e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural. Hoje me vejo mais consciente da necessidade de comunicar, de me fazer entender, de estabelecer elos reais e colaborativos na dinâmica da alteridade. Para Josso (2007), essa inventividade a partir dos nossos fragmentos de memória individual e coletiva, atravessada pelas nossas diferenças, torna-se fertilizante num terreno propício e criativo do pensar, do fazer e do saber na pesquisa.

Cristina: Gosto muito da metáfora do barco de Meyer e Paraíso (2012) quando nos referimos ao processo de investigação. Para mim, pesquisar é isto, temos diversos destinos e não sabemos ao certo por onde passaremos e aonde chegaremos. Por vezes, teremos que desviar, sair do barco e entrar nele em diferentes momentos. O mais interessante de tudo isto é que tais escolhas poderão ser a grande riqueza que buscamos e tal movimentação poderá ser o diferencial do percurso. Conforme as ideias das autoras, as quais me aproximo demais, fazem-me acreditar nas pesquisas (re)significadas, em que seus pesquisadores podem correr riscos, transformando-se e renovando-se de acordo com suas necessidades, vontades e contextos. Isso não as fragiliza, a meu ver, ao contrário, potencializa-as, pois, há espaços para “montar, desmontar e remontar o já dito” (p.41).

Este trabalho, por exemplo, aborda questões de diálogos, colaborações, interculturalidade, e do impacto do COVID-19 no desenvolvimento de uma pesquisa por meio de experiências de pesquisadores em diferentes etapas profissionais. Estes participantes narram suas experiências 1) com pesquisa, na tentativa de ampliar os conceitos de participação democrática e colaborativa em pesquisa; 2) com relatos pessoais onde se é possível entender o quão complexo encontros culturais são e que apesar de uma literatura extensiva, ainda há a necessidade de se inovar e revisitar conceitos neste contexto; e 3) com as ferramentas digitais, explorando os benefícios e apontando os desafios de fazer parte de uma cultura digital já existente, mas que ainda pode ser imposta repentinamente como modelo de inovação e padrão em assuntos educacionais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth. Narrativa das relações entre currículo e cultura digital em tempos de pandemia: uma experiência na pós-graduação. *Revista Práxis Educacional*, v. 17, n. 45, p. 1-29, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i45.8324>. Acesso em 01 Mar. 2022.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2ª edição, 2013.
- BREAULT, Rick A. Emerging Issues in Duoethnography. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, Raipur, India, v. 29, n. 6, p. 777-794, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09518398.2016.1162866>. Acesso em 01 Mar. 2022.
- CANDAU, Vera M. (Org.) *Reinventar a escola*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CARDOSO, Antonio P. A educação face às exigências inovadoras do presente. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Coimbra, Ano XXVII, 2, p. 221-232, 1993.
- CARLOTTO, Maria C. *Acesso negado: propriedade intelectual e democracia na era digital*. São Paulo: Edições SESC, 2019.
- CONSOLO, Douglas A. Uma reflexão sobre a competência linguístico-comunicativa e a proficiência do (futuro) professor de língua estrangeira no Brasil. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 17, n. 2, p. 121-141, 2018.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

FRAGA, Cristiano C.; DECARLI, Cecilia; BOLL, Cintia I. Tutoria pedagógica em tempos de cultura digital: haverá espaço para a afetividade? *Revista Intersaberes*, v. 16, n. 37, p. 367-390, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/220926/001125235.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 01 Mar. 2022.

GOMES, Wilson. *A democracia no mundo digital: história, problemas, e temas*. São Paulo, SESC, 2018.

GONZÁLEZ REY, Fernando L. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo, SP: Thomson, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucy A. (Orgs.). *Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MILL, Daniel; PIMENTEL, Nara M. A multidimensionalidade da inovação em educação a distância. Anais do III Seminário de Educação a Distância. *Diálogos sobre a EAD e o uso das TDIC na educação: regulamentação em tempos recentes*. 2020. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/seadco/article/view/14664>. Acesso em 01 Mar. 2022.

MORGAN, Brian; MARTIN, Ian; MACIEL, Ruberval F. *The Walkyria effect: inspiring transnational language teacher education*. *Pensares em revista*, v. 1, p. 8-21, 2019.

MOORE, Shannon D. M.; JAYME, Bruno D.; BLACK, Joanna. Disaster capitalism, rampant edtech opportunism, and the advancement of online learning in the era of COVID19. *Critical Education*, v. 12, n. 2, p. 1-21. 2021. Disponível em: <http://ojs.library.ubc.ca/index.php/criticaled/article/view/186451>. Acesso em 01 Mar. 2022.

MOREIRA, José A.; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. *Revista UFG*, v. 20, 2020.

MORIN, Edgar. *Ensinar a viver*. Manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

NÓVOA, Antonio. *Escolas e Professores*. Proteger, transformar, valorizar. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

NORRIS, Joe; SAWYER, Richard D. Toward a Dialogic Methodology. In: NORRIS, J.; SAWYER, R. D.; LUND, D. (ed.). *Duoethnography: Dialogic Methods for Social, Health, and Educational Research*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2012. p. 9-39.

OLIVEIRA, Claudio L. A importância da tradução: Reflexões sobre o papel do tradutor. *Communitas*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 351-356. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/revista/index.php/COMMUNITAS/article/view/1109>. Acesso em 01 Mar. 2022.

PLETSCH, Marcia D.; OLIVEIRA, Mariana C. P.; COLACIQUE, Rachel. Inclusão digital e acessibilidade: Desafios da educação contemporânea. *Revista Docência e Ciberultura*, v. 4, n. 1, 13-23. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/redoc.2020.50573>. Acesso em 01 Mar. 2022.

REICHER, Debra. Debate: Remote learning during COVID-19 for children with high functioning autism spectrum disorder. *Child and Adolescent Mental Health*, v. 25, n. 4, 263-264. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/camh.12425>. Acesso em 01 Mar. 2022.

RODRÍGUEZ-SALTOS, Elisa R.; MOYA-MARTINEZ, María E.; ROGRÍGUEZ-GÁMEZ, María. Importancia de la empatía docente-estudiante como estrategia para el desarrollo académico. *Dominio de las Ciencias*, v. 6, n. 3, p. 23-50, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23857/dc.v6i3.1205>. Acesso em 01 Mar. 2022.

SAN ROMÁN, Zunilda O.; JAIME, Faustino A.; TEIXEIRA, Cristina D'Ávila. La pedagogia de la ternura y su encuentro con la pedagogia de los detalles: comprensiones necesarias para profesores de la primera infancia. *Estudos IAT*, v. 6, n. 1, p. 333-349, 2021. Disponível em: <http://estudosiat.sec.ba.gov.br>. Acesso em 01 Mar. 2022.

SAVAZONI, Rodrigo; SILVEIRA, Sergio. (org.). *O comum entre nós*. Da cultura digital à democracia do século XXI. Edições SESC, 2018.

SILVA, Artur. *Fundamentos da metodologia de reunião em espaço aberto*. Sintra, Portugal: I-OST Instituto da Reunião em Espaço Aberto -I-OST, 2001. Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/1311615/>. Acesso em 01 Mar. 2022.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas*, 2019.

WOOD JR, Thomaz. *Caos: A criação de uma nova ciência*. 1993. <https://www.scielo.br/j/rae/a/tmPrmZpLXXCSj9dsmMq69pf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 31 mar. 2022.